

RESUMOS

NOGUEIRA, Paulo. *A Centralidade Formativa do Trabalho frente as Alterações na Pedagogia do Capital*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2000 (Dissertação de Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Eloisa Helena Santos

Nossa hipótese, quando da elaboração desta dissertação, foi a de que era necessário investigar, conceitualmente, uma literatura mais recente que, ao abordar as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, postulasse a dissolução de qualquer vínculo formativo centrado na atividade laborativa: KURZ, DE MASI, GRUPO KRISIS, GORZ, SHAFF e HABERMAS. Partimos da conceituação da pedagogia do capital e, conforme a tematização marxiana, enveredamos pela análise teórica da temática do trabalho e a sua caracterização como aporte central da formação do humano. MARX nos serviu como horizonte reflexivo da condição do trabalho no capitalismo e do teor da qualificação em jogo, quando da organização dos processos produtivos. E acentuamos, durante a elaboração desse percurso analítico, uma crítica às concepções que enclausuram a dimensão do trabalho em uma perspectiva economicista, na qual a atividade laborativa se vê encapsulada pela forma como o capital ingere no âmbito concreto em que o trabalho se realiza e aprisiona o cotidiano dos que trabalham. Rejeitamos essa perspectiva e as que advogam o fim do trabalho. E, em seu lugar, propomos uma abordagem do trabalho como uma atividade formadora do humano. Pensamos que, mesmo quando o trabalho encontra-se atravessado historicamente pelo trabalho abstrato, permanece, no interior da experiência concreta dos homens que trabalham, um processo em que se efetivam perspectivas formadoras. Concluimos, portanto, que é no exercício do trabalho que se revelam as determinações formadoras e humanizadoras de

uma sociabilidade afeita ao mundo do trabalho e aos que trabalham. O trabalho está assim estruturado: Introdução; Capítulo 1 — A pedagogia do capital; Capítulo 2 — A crise do capital e alterações em sua pedagogia; Capítulo 3 — Visões da crise e do mundo do trabalho: Kurz, o Grupo Krisis, Shaff, Gorz, De Masi, Habermas; Considerações finais.

SILVA, Jacqueline M. T. *Relações sociais na escola..* Belo Horizonte: CEFET-MG, 2001. (Dissertação de Mestrado em Tecnologia: Educação Tecnológica).

Orientador: Sérgio Román Palavecino

A questão central que orienta esta investigação relaciona-se à possibilidade de se desenvolver, no âmbito das Escolas Técnicas Federais e Centros Federais de Educação Tecnológica, um trabalho coletivo baseado em relações coletivistas, solidárias e horizontais, as quais configuram *relações sociais de tipo novo*, antagônicas àquelas individualistas e competitivas, resultantes do modo de produção capitalista. Procurou-se compreender a conexão entre as relações sociais estabelecidas entre os docentes e os processos mais amplos da sociedade, buscando entender como se produzem as relações sociais de tipo novo e em que condições históricas são constituídas. Focalizaram-se as lutas dos trabalhadores da educação das Instituições Federais de Educação Tecnológica — IFETs —, na década de 1990, no intuito de identificar as manifestações e possibilidades de relações sociais de tipo novo entre os docentes dessas escolas. Essas lutas foram travadas, sobretudo, pelo controle da organização do processo de trabalho, a qual vem sendo alterada pela implantação da Reforma da Educação Profissional em curso no Brasil. Em virtude da amplitude do universo de pesquisa, optou-se por um recorte que viabilizasse as análises. Para isso, foi realizada uma pesquisa empírica na Escola Técnica Federal de Ouro Preto que, estando em processo de transformação para Centro Federal de Educação Tecnológica, apresentava um quadro favorável à observação das relações sociais estabelecidas entre os docentes. Os fatos, os relatos e as